

RELATÓRIO ANUAL PRODOCLIN
2011



1- INTRODUÇÃO

Este relatório tem o objetivo de informar as atividades desenvolvidas pelos 13 projetos contemplados no Projeto de Documentação de Línguas – PRODOCLIN- acompanhadas pela coordenação durante o ano de 2011.

2- O Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (PRODOCLIN)

O Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (PRODOCLIN) – Museu do Índio – FUNAI – UNESCO – é uma das iniciativas governamentais de políticas linguísticas cientificamente sólida e politicamente empenhada no fortalecimento das línguas e culturas indígenas.

O PRODOCLIN iniciou suas atividades em junho de 2009 financiando 13 projetos de documentação de línguas indígenas:

Apiaka (lingüística Tupi Guarani)

Desano (família lingüística Tukano),

Ikpeng (família lingüística Karib),

Kanoé (classificação lingüística é uma língua isolada)

Karajá/Javaé/Xambioá (família lingüística Jê)

Kawaiwete/Kayabi (família lingüística Tupi Guarani)

Kisêdjê (família lingüística Jê, tronco Macro-Jê, também conhecida como Suyá)

Maxakali (família lingüística Jê)

Ninam (família lingüística Yanomami),

Paresi (família lingüística Arawak)

Rikbaktsa (família lingüística Jê),

Shawadawa (família lingüística Pano)

Yawanawa (família lingüística Pano)





3 – Atividades dos projetos:

I. PROJETO APIAKA

a) Equipe

Cilene Campetela (coordenadora)

Angelo Crixí (pesquisador indígena)

Evanilson Krixí Morimã (pesquisador indígena)

Giovana Tempesta (consultoria antropológica)

b) Povo

Os Apiaka habitam a região noroeste do Mato Grosso, próxima à cidade de Juara. É uma área homologada - Território Indígena Apiaká-Kayabi – aldeia Mayrob, que significa “papagaio verde”, com cerca de 250 pessoas.

c) Língua

Pertence à Família Linguística Tupi-Guarani do Tronco Tupi

d) Oficina

d.1) Na Aldeia

No âmbito do Projeto de Documentação Linguística Apiaka:

Oficina para conscientização sobre os objetivos do Projeto e seleção de pesquisadores indígenas (Aldeia Mayrob, Outubro/2009);

Oferecida pela linguista Cilene Campetela

Participantes:

- Angelo Krixí
- Clenildo Crixí Sabanes
- Evanilson Krixí Morimã
- Ivanildo da Silva Mori
- Jevanildo Crixí
- Leticia Morimã
- Leandro Ribeiro da Silva
- Néilson Umberlam dos Santos Mori
- Rodrigo Morimã de Andrade
- Viviane da Silva Mori



Oficina para conscientização e reprodução dos grafismos corporais Apiaka (Aldeia Mayrob, Fevereiro/2010)

PRODOCLIN – organizada pelas linguistas Mara Santos e Cilene Campetela;

Participantes:

- Mulheres tatuadoras e tatuadas da comunidade.

jul/agosto 2011

1- Oficina de Documentação Lingüística

2- Oficina para Elaboração de Material Didático

d.2) Oficina de treinamento em documentação lingüística PRODOCLIN

JULHO DE 2009

DEZEMBRO DE 2009

JULHO DE 2011

Participantes Apiaka:

- Angelo Crixí
- Evanilson Krixí Morimã

e) Viagens a campo

e.1) Viagem a campo – set/out 2009

e.2) Viagem a campo – jul/agosto 2011

f) Produtos:

1. Levantamento bibliográfico e documental
2. Diagnóstico sócio-lingüístico
3. Léxico (500 entradas)
4. Metadados
5. Transcrições e traduções
6. Vídeo para a candidatura Apiaká à lista da Salvaguarda Urgente da UNESCO.
7. Documentação para o resgate dos Grafismos Corporais

g) Acervo:





62 horas de vídeo, 8 horas de áudio + 21 arquivos de áudio , 1645 fotos.

Observamos que por motivos legais o contrato da coordenadora do projeto Cilene Campetela foi encerrado pelo fato da mesma ter assumido o cargo de Coordenadora do setor de educação da FUNAI, não podendo mais manter o contrato com a UNESCO. Foi acordado em reunião com a coordenação do PRODOCLIN (Bruna Franchetto – coordenadora e Mara Santos - gestora científica) e a coordenadora do setor administrativo (Rosilene Falconere) que Cilene Campetela continuará coordenando o projeto Apiaka sem vínculo contratual com a UNESCO, mas se responsabilizando em apresentar produtos relativos às atividades desenvolvidas pelos pesquisadores indígenas membros do projeto.



II. PROJETO DESANO

a) Equipe

Wilson de Lima Silva (Coordenador)

Frank J. C. Matos (Pesquisador indígena)

Marcelino Massa (Colaborador Desano)

b) Povo

O grupo desano, falante da língua de mesmo nome, vive na região do Noroeste Amazônico.

c) Língua

A língua desano é uma língua da família linguística Tukano, do ramo oriental, falada em comunidades localizadas em territórios brasileiro e colombiano. Estima-se que o número de falantes desano seja de cerca de 800 falantes no Brasil (fonte FOIRN1).

d) Oficina

d.1) Na Aldeia

Oficina linguístico-pedagógica para o desenvolvimento de uma ortografia Desano (junho 2010)

Encontros em comunidades para a revitalização da língua e da cultura (julho, 2010)

Encontros em comunidades para a revitalização da língua e da cultura (julho 2011).

d.2) Oficina de treinamento em documentação linguística PRODOCLIN

JULHO DE 2009

e) Viagens a campo

e.1) Viagem a campo – junho/2010



**f) Produtos:**

1. Levantamento bibliográfico e documental
2. Diagnóstico sócio-linguístico
3. Léxico (1500 entradas)
4. Metadados
5. Transcrição e Tradução de 26 textos
6. 1 cartilha para a alfabetização em Desano, em preparação

g) Acervo

3 fitas minidv (que inclui discussões durante a oficina, danças tradicionais, músicas, piadas e histórias tradicionais do grupo);

74 fotos;

7 horas e 30 minutos - 12 narrativas

- textos produzidos durante a oficina sobre ortografia.

O projeto Desenao está de viagem a campo programada para janeiro de 2012.



III. PROJETO IKPENG

a) Equipe

Angela Fabíola Alves Chagas (coordenadora): Lingüista – Doutoranda em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas, possui experiência de campo e de pesquisa com descrição de línguas indígenas brasileiras.

Ana Sousa da Silva (colaboradora): Lingüista – Mestre em Lingüística pela Universidade Federal do Pará, possui experiência de campo e de pesquisa com descrição de línguas indígenas brasileiras.

Januária Pereira Mello (colaboradora): Antropóloga – formada pela Universidade Estadual de Campinas, possui experiência de campo e de pesquisa na área de educação escolar indígena.

Ingrid Lemos Costa (colaboradora): Artista Plástica – Mestranda em Artes Plásticas pela Universidade Federal Fluminense, possui experiência com mídias digitais e livros didáticos indígenas.

Amtenu Ikpeng (bolsista): pesquisador indígena, aluno da Escola Central Ikpeng.

Kay Txikão (bolsista): pesquisador indígena, aluno da Escola Central Ikpeng.

b) Povo

A palavra ikpeng refere-se a um tipo de inseto, semelhante a uma vespa e uma formiga, muito bravo, utilizado em rituais de caça e guerra em que os jovens são picados por esses insetos para que possam adquirir novos conhecimentos e capacidades específicas. É também o nome dado por antigos inimigos ao referido povo. Nos documentos históricos também são conhecidos como Txikão, como eram chamados por outros grupos indígenas inimigos antes do contato, mas preferem a autodenominação Ikpeng.

b.1) A situação do território

Os Ikpeng vivem na Terra Indígena do Xingu e hoje eles reivindicam o seu território tradicional na região do rio Jatobá que já consta como um processo na FUNAI que criou, através da Portaria nº





1231 de 22/09/2006, o Grupo Técnico que está elaborando os estudos de identificação e delimitação da área.

c) Lingua

família lingüística Karib

d) Oficina

d.1) Na Aldeia

- Oficina de treinamento em documentação - set/out/2009

- Oficina de Desenho para produção de livros didáticos - Julho/2010

No período de 18 a 22 de julho, foi ministrada para 10 alunos da comunidade Ikpeng a oficina “Os livros, as ilustrações e as artes gráficas no contexto indígena”, na qual foram produzidos cerca de 50 desenhos que ilustrarão o livro de histórias Ikpeng, a ser produzido com a ajuda das pesquisadoras Angela Chagas e Ingrid Lemos, dos bolsistas indígenas Amtenu Ikpeng e Kay Txikão e colaboração de alguns professores e outros membros da comunidade Ikpeng.

- Minicurso de Fonética e Fonologia (2011); Oficina de Revisão Ortográfica (2011); Oficina de Ilustração do Livro de Narrativas Tradicionais e Dicionário Bilíngue Ikpeng-Português (2011)

O Minicurso de Fonética & Fonologia e a Oficina de Revisão Ortográfica realizaram-se na Escola Central Ikpeng – Amure, no horário de 14h às 17h. Esta oficina ofereceu 15 vagas e tinha como público-alvo os professores Ikpeng, porém ficou decidido que outros interessados poderiam participar na condição de ouvintes. Os 15 indicados como participantes oficiais foram: Amtenu Ikpeng, Furiga Ikpeng, Iokore Ikpeng, Kamatxi Ikpeng, Kaviago Txicão, Kay Txicão, Maiua Txicão, Mate Ikpeng, Matare Ikpeng, Nawaki Txicão, Payata Ikpeng, Pitoga Ikpeng, Pita Ikpeng, Pomerquenpo Txicão, Wawana Ikpeng.

O “Minicurso de Fonética & Fonologia” teve a duração de quatro dias, nos quais foram trabalhados os seguintes conteúdos:

Noções Básicas de Fonética

1. Relação entre fonética e fonologia
2. Unidade de estudo: o fone
3. Mecanismos de produção dos sons
 - 3.1. Sons consonantais
 - 3.2. Sons vocálicos



3.3. Glides ou semivogais

4. O acento

Revisão do conteúdo e exercícios de fixação

Noções Básicas de Fonologia

1. Introdução

2. Unidade de estudo: o fonema

2.1. A identificação dos fonemas

2.2.1. Oposição

2.2.2. Distribuição complementar

2.2.3. Semelhança fonética

2.2.4. Variação livre

3. A sílaba

Revisão do conteúdo e exercícios de fixação



As Oficinas do Livro e do Dicionário foram realizadas na escola. O horário estipulado foi de 10h às 12h; e 14h às 17h. A oficina conjunta teve como indicados: Tsilit Txicão, Renan Txicão, Yakawi Ikpeng, Awyara Ikpeng, Montoya Manto Ikpeng, Oreme Otumaka Ikpeng, Aptuka Ikpeng, Opote





Ikpeng, Makawa Ikpeng, Tibugu Txicão, Tapanpo Ikpeng, Payuka Ikpeng, Opululi Txicão, Konenpo Ikpeng, Yanahi Txicão Trumai. Porém, poderiam participar ouvintes que não receberiam certificados e foram designados quatro ouvintes que frequentariam as oficinas de língua e sobre ilustração e o livro: Mate Ikpeng, Kavigo Txicão, Awarepi Ikpeng e Kamatxi Ikpeng.

Foram apresentadas as ilustrações que seriam eleitas para a marca do projeto; a capa; e contracapa do livro.

As histórias apresentadas foram:

1. Mawo Miran
2. Maruri Miran
3. Rere Miran
4. Winapli Miran
5. Pirom Miram
6. Okoloy Miran
7. Alakana Miran
8. Omyo Miran
9. Wago Miran
10. Weliko Miran
11. Tawa Miran
12. Waiman Miran
13. Puron Miran
14. Otxilat Miran
15. Patxi Miran
16. Opo Miran



Os desenhos vencedores para a marca, capa e a contracapa foram, respectivamente, os de: Tapanpo Ikpeng, Awarepĩ Ikpeng e Mate Ikpeng.

Até o presente momento, 20 (vinte) narrativas foram gravadas e transcritas pelos pesquisadores indígenas Kay Txicão e Amtenu Ikpeng, são elas:

1. Alakana
2. Okoloy
3. Puron
4. Wayman
5. Opo Miran
6. Tawa Miran
7. Patxi Miran
8. Wao Miran
9. Winapli Miran
10. Opo Awitketpot
11. Piron Miran
12. Wong Kingon
13. Otxilat Enenponpĩn
14. Weliko
15. Tantagĩ e Kwĩri
16. Marurĩ Mirangmo
17. Rere Miran
18. Pomtanon
19. Mawo
20. Ungwo





5 (cinco) narrativas já foram inteiramente traduzidas:

i. Okoloy

Historiador: Ayre Ikpeng

Transcrição: Kay Txicão

Tradução: Kay Txicão e Angela Chagas

Revisão: Maiua Ikpeng e Angela Chagas

Duração: 10'02''

ii. Marurî Mirangmo

Historiador: Ayre Ikpeng

Transcrição: Kay Txicão e Amtenu Ikpeng

Tradução: Kay Txicão e Angela Chagas

Revisão: Maiua Ikpeng e Angela Chagas

Duração: 17'25''

iii. Puron

Historiador: Ayre Ikpeng

Transcrição: Kay Txicão



Tradução: Kay Txicão e Angela Chagas

Revisão: Maiua Ikpeng e Angela Chagas

Duração: 06'10''.

iv. Pirom Miran

Historiador: Araka Ikpeng

Transcrição: Kay Txicão

Tradução: Kay Txicão e Angela Chagas

Revisão: Maiua Ikpeng e Angela Chagas

Duração: 06'55''

v. Opo Awitketpot

Historiador: Tapipko Ikpeng

Transcrição: Amtenu Ikpeng

Tradução: Kay Txicão e Angela Chagas

Revisão: Maiua Ikpeng e Angela Chagas

Duração: 06'31''.

d.2) Oficina de treinamento em documentação lingüística PRODOCLIN

JULHO DE 2009

DEZEMBRO DE 2009

JULHO DE 2011

e) Viagens a campo

e.1) Viagem a campo set/out/2010

e.2) Viagem a campo 11 a 22 de julho de 2010

e.3) Viagem a campo agosto a set de 2011

f) Produtos:

Levantamento bibliográfico e documental

Diagnóstico sócio-lingüístico





Banco de dados com 1.000 entradas lexicais, com exemplos de uso, glosa e tradução

Metadados

Transcrição de 20 narrativas

g) Acervo:

30 horas de vídeo (HD)

16 horas de áudio (wave e MP3)

4.940 fotos (JPG e Raw)

564 desenhos e pinturas (em papel)



IV. PROJETO KANOE

a) Equipe

Laércio Bacelar (Coordenador)

Gilmar Ferreira da Silva (Auxiliar de pesquisa)

José Augusto Kanoê (Pesquisador Indígena)

b) Povo

(classificação lingüística é uma língua isolada), hoje tem somente 5 falantes dos quais 03 são monolíngües encontram-se na Área Indígena do Omeré, Município de Corumbiara, sul de Rondônia, e os 02 são bilíngües (português/kanoé), já muito idosos, vivem nas Áreas Indígenas e Rio Guaporé e Sagarana, no vale do Rio Guaporé, também em Rondônia.

d) Oficina

d.1) Na Aldeia

Oficina de treinamento em documentação - fev/março/2010

d.2) Oficina de treinamento em documentação lingüística PRODOCLIN

JULHO DE 2009

e) Viagens a campo

Viagem a campo fev/março/2010

f) Produtos:

1. Cartilha Kanoé Nova
2. Relatório de trabalho de Campo
3. Genealogia de Famílias Kanoé
4. Dicionário Kanoé





5. Relatório Censo Lingüístico Kanoé

6. Vocabulário Comparativo Kanoé

4. Etnomedicina Kanoé

g) Acervo:

28 horas de vídeo, 4 horas de áudio, 2800 fotos



V. PROJETO KARAJA-JAVE-XAMBIOA

a) Equipe

Cristiane Oliveira da Silva (Coordenador)

Chang Wan

Mawsi Karajá (Pesquisador Indígena)

Hatawaki Karajá (Pesquisador Indígena)

Marcus Maia (Orientação e assessoria científica)

b) Povo

Somos o povo Iny, mais conhecidos pela sociedade nacional como os Karajá. Juntamente com os nossos parentes Javaé (Ixãju mahãdu) e Xambioá (Ixã biõwa), também conhecidos como os Karajá do Norte, habitamos imemorialmente a Ilha do Bananal, formada pelos rios Araguaia e Javaés, e cercanias, numa região que compreende as fronteiras entre os estados de Tocantins, Mato Grosso e Goiás.

b.1) Localização

As aldeias de Santa Isabel do Morro (Hawalò) e Fontoura (Botõiry), atualmente com 652 e 611 habitantes, respectivamente, são as que concentram as maiores comunidades Karajá e as que maior vigor tem demonstrado na preservação de suas tradições culturais. Nestas, como em São Domingos (Krehawa), e várias outras aldeias menores ao longo do Rio Araguaia, as crianças adquirem o Iny rybe (“a fala dos Iny”), como língua materna na primeira infância, só aprendendo posteriormente o português (tori rybe) com o início da escolarização.

c) Língua

A língua Karajá ou Inyrybe pertence ao tronco lingüístico Macro-Jê, e apresenta três variantes dialetais, a saber, o Karajá propriamente, com variantes do sul e do norte, o Javaé e o Xambioá. Esses dialetos são mutuamente inteligíveis, possuindo, fundamentalmente, a mesma morfo-sintaxe,





restringindo-se as diferenças entre eles ao plano lexical e fonético. Além disso, há em todos os dialetos, diferenças entre a fala do homem e a da mulher.

d) Oficina

d.1) Na Aldeia

Oficina de treinamento em documentação - fevereiro/março de 2010 - oficina de documentação realizada nas aldeias Hawalò e Batoiry para treinamento e manuseio do equipamento áudio e vídeo e apresentação dos softwares de documentação linguística.

d.2) Oficina de treinamento em documentação linguística PRODOCLIN

JULHO DE 2009

DEZEMBRO DE 2009

JULHO 2010 - Oficina de treinamento e trabalho com o Pesquisador Indígena Woubedu Karajá.

JULHO DE 2011

e) Viagens a campo

fevereiro/março de 2010

f) Produtos:

reunião de anuência do projeto, realizada nas aldeias Hawalò e Batoiry, documentada Em vídeo e fotos;

levantamento bibliográfico e documental sobre a etnia;

diagnóstico sócio-linguístico das aldeias Hawalò e Batoiry;

construção de dicionário enciclopédico composto de 1000 itens lexicais divididos por campos temáticos e gramaticais (em construção);

100 metadados sobre diferentes eventos de fala;

transcrição e tradução de 10 textos sobre aspectos da cultura Karajá;

transcrição e tradução da história das mulheres que namoraram com o jacaré;

transcrição de 05 cantos tradicionais;

legendagem, em português, da fala do pajé Socrowè;

texto em Karajá, traduzido pelo pesquisador Wadoi Karajá, sobre a língua a fim de integrar o mini-site da etnia;



Produtos produzidos em parceria com o PRODOCLIN Karajá

Capítulo de livro, “A língua Karajá” produzido pelo pesquisador Wadoi Karajá

Projeto Índio no Museu – Iny Mahadu, que trouxe 28 Karajás e produziu os seguintes materiais:

- 7 curta-metragens legendados;
- Exposição sobre o ritual de iniciação dos meninos, “Hetohokã”;
- Galeria de arte (mostra de cerâmica Karajá), “Ritxoko: Retratos Cerâmicos da vida Iny”;
- Mostra de venda, artesanatos Karajá, parceria com a Associação Indígena Iny Mahadu.
- Mostra fotográfica , Muro do Museu, “Ijasò”
- Mostra fotográfica “Myrani e Komaryra”
- Instalação de réplica do Hetohokã no Jardim do Museu

g) Acervo:

30 horas de vídeo, 9h e 33min de áudio e 1332 fotos





VI. PROJETO KAWAIWETE

a) Equipe

Suzi Oliveira de Lima (Coordenadora)

Didier Demolin (pesquisador)

Jowosipep Kaiabi (Terceiro Grau Indígena/ UNEMAT; Área de formação: Artes, língua e literatura)

Pikuruk Kaiabi (Terceiro Grau Indígena/ UNEMAT; Área de formação: Ciências da Matemática e da Natureza)

b) Povo

O povo indígena Kawaiwete (Kaiabi) é atualmente um grupo de 1.619 pessoas (segundo censo realizado pela Funasa em 2006/ Instituto socioambiental (Senra 1999)) que vive em maioria no Parque Indígena do Xingu (sendo um dos mais numerosos grupos indígenas dentro do parque) e uma menor parte na terra indígena próxima ao Rio Teles Pires, que é a locação da terra tradicional desta etnia.

Atualmente, os índios que não residem no Parque Indígena do Xingu (Apiaká, localizada no Tatuy (TI Apiaká-Kayabi e os moradores do Baixo Teles Pires, em uma Terra Indígena localizada já no estado do Pará) praticamente não falam mais a língua nativa, tal como os próprios Kaiabi já observaram e como é previsível, dado que eles estão muito mais suscetíveis, dada a proximidade de falantes de português como língua nativa, do que os índios que vivem no Xingu.

c) Língua

A língua Kaiabi pertence ao Tronco Tupi, família Tupi Guarani.

d) Oficina

d.1) Na Aldeia

Julho 2009 – Oficina de língua falada e escrita em Kayabi (produzida pelo Instituto Socioambiental, conduzida por Suzi Lima)

Julho 2010 – Oficina de escrita Kawaiwete (produzida pelo Instituto Socioambiental/PRODOCLIN, conduzida por Suzi Lima)

Agosto 2011 – Oficina de produção de livros de leitura: escritores e desenhistas.

d.2) Oficina de treinamento em documentação lingüística PRODOCLIN



JULHO DE 2009

DEZEMBRO DE 2009

JULHO DE 2011

e) Viagens a campo

Viagem a campo Julho 2009

Viagem a campo Julho 2010

Viagem a campo agosto de 2011

A viagem de campo realizada no período de julho/agosto 2011 trouxe alguns resultados significativos para este projeto e para as comunidades Kawaiwete. No dia 09 de julho de 2011 foi realizada a entrega dos equipamentos (gravador de voz *Zoom*, câmera filmadora *Sony* e computador *HP*) para viabilizar o trabalho dos pesquisadores indígenas. Também foram entregues os livros doados pelo Museu do Índio, e os DVDs gravados em 2010 à comunidade da aldeia Tuiararé na figura do cacique Siraweip:



Também foram discutidos o encaminhamento deste projeto para o ano II, quais sejam o encaminhamento do dicionário, da gramática descritiva e da produção de livros de leitura para as escolas Kawaiwete. Foi esclarecido que a gramática e o dicionário são produtos a serem gerados a longo prazo, mas que a produção dos livros de leitura tinha início imediato neste trabalho de campo.

f) Produtos:

levantamento bibliográfico e documental;

diagnóstico sociolinguístico;

léxico (1500 entradas em diferentes campos semânticos);





metadados dos materiais gravados;

transcrição e tradução do material gravado em áudio e vídeo (em andamento; aproximadamente 6 horas já transcritas)

g) Acervo:

19 horas de vídeo, 34 horas de áudio e 1075 fotos



VII.

a) Equipe

Rafael Bezerra Nonato (Coordenador)

Kawiri Suyá (Pesquisadores indígenas)

Waduwabati Suyá (Pesquisadores indígenas)

Marcela Coelho de Souza (Assessoria Antropológica)

b) Povo

A maioria dos seus cerca de 450 falantes vivem em quatro aldeias dentro da Terra Indígena Wawi, num território contíguo ao Parque Indígena do Xingu. O kisêdjê é a língua de uso majoritário nas quatro aldeias.

c) Língua

Este projeto visa à documentação da língua kîsêdjê (família Jê, tronco Macro-Jê, também conhecida como suyá). Apesar do grande número de casamentos inter-étnicos (sobretudo com outros índios do Parque Indígena do Xingu), os descendentes dessas uniões geralmente tem o kisêdjê como língua primária e um conhecimento apenas passivo da língua falada pelo genitor não-kisêdjê.

d) Oficina

d.1) Na Aldeia

Novembro/Janeiro de 2009 - Oficina de treinamento em documentação linguística

Julho/Agosto de 2010 – Oficina de transcrição

Maio/Julho de 2011 - Oficina de transcrição

d.2) Oficina de treinamento em documentação lingüística PRODOCLIN

JULHO DE 2009





DEZEMBRO DE 2009

JULHO DE 2011

e) Viagens a campo

Novembro/Janeiro de 2009

Julho/Agosto de 2010

Maio/Julho de 2011

f) Produtos:

Levantamento documental e bibliográfico

Diagnóstico Sócio-linguístico

700 entradas lexicais

12 horas de gravação transcritas

3 horas de gravação traduzidas

Parceria **PRODOCLIN/PDPI/Escola** **ÊDJÊ**

g) Acervo:

16 horas de vídeo, 30 horas de áudio e 1522 fotos



VIII. PROJETO MAXAKALI

a) Equipe

Sandro Campos (coordenador, linguista)

Rosângela de Tugny (etnomusicóloga)

Fábio Bonfim (linguista)

b) Povo

O povo é autodenominado Tikmũ'ũn. O povo Maxakalí se localiza atualmente em quatro municípios do Vale do Mucuri:

b.1) Terras Indígenas de Água Boa e Pradinho (municípios de Santa Helena de Minas e Bertópolis, MG) - 5.305,67 ha.

Situação: Regularizada.

População: 1165

b.2) Terra Indígena de Aldeia Verde (município de Ladainha, MG) - 522,72 ha. Situação: adquirida pela FUNAI.

População: 230

b.3) Terra indígena de Cachoeirinha (município de Teófilo Otoni, MG) - 606,19 ha.

Situação: adquirida pela FUNAI.

População: 70

c) Língua

A língua Maxakalí pertence ao tronco Macro-jê e à família homônima Maxakalí (Rodrigues, 1986), à qual também pertenciam as línguas Pataxó, Kapoxó, Monoxó, Coropó, Makoní e Malalí. O Maxakalí é atualmente a única língua ainda viva da família Maxakalí, à qual, juntamente com outras, cujo número varia entre quatorze e dezesseis, pertence ao tronco linguístico Macro-Jê.





d) Oficina

d.1) na Aldeia

Oficina em setembro de 2010: treinamento e manuseio de equipamentos audiovisuais (câmera, filmadora e gravador digital); oficina de noções básicas de computação.

Oficina na aldeia de Pradinho: documentação, fotografia e vídeo em 2010;

Oficina em Aldeia Verde: documentação, fotografia e vídeo em 2010;

Oficina de introdução à edição de vídeo para pesquisadores indígenas da equipe Maxakalí (novembro de 2010)

d.2) Oficina de treinamento em documentação lingüística PRODOCLIN – Rio de Janeiro

Oficina no Museu do índio no Rio de Janeiro sobre técnicas de documentação dados em 2010 para os membros da equipe Maxakalí (abril de 2010)

Oficina no Museu do índio (Rio de Janeiro) de capacitação dos membros da equipe Maxakalí ao uso do programa Toolbox (Maio de 2011)

Oficina no Museu do índio no Rio de Janeiro sobre arquivamento de dados julho de 2011

e) Viagem a campo

Abril de 2010

Setembro de 2010

g) Acervo:

15 horas de vídeo, 80 arquivos sonoros, 3.426 fotos



IX. PROJETO NINAM

a) Equipe

Helder Perri Ferreira (coordenador, linguista)

Gale Goodwin Gómez (linguista)

Gérson Levi Lazzaris (etno-arqueólogo)

Mana Yaroam (Pesquisador indígena)

Ivan Xiriana (Pesquisador indígena)

Albino Xiriana (Pesquisador indígena)

b) Povo

A língua Ninam é um dos subgrupos lingüísticos do povo Yanomami. Albert, Milliken e Goodwin Gomez (no prelo) mencionam a seguinte dimensão demográfica dos povos Yanomami: “Os Yanomami ocidentais (Yanomami), situados em sua maioria na Venezuela, constituem 59% dessa população, seguidos pelos Yanomami orientais (Yanomae), situados em sua maioria no Brasil, constituindo aproximadamente 21% da mesma. Os Sanima, maioria na Venezuela, representam cerca de 17% da etnia e os Ninam apenas 3% (no Brasil).

Mais de 30.000 Yanomami habitam uma região de difícil acesso numa área de 192 mil km quadrados de floresta tropical nos dois lados da fronteira entre Brasil e Venezuela. Baseado no censo do Distrito Sanitário Yanomami da FUNASA de 2006, calcula-se que “a população Yanomami no Brasil em aproximadamente 15.500 pessoas, repartidas em 249 grupos locais. Essa população ocupa a região do alto rio Branco (oeste do estado de Roraima) e a margem esquerda do rio Negro (norte do Estado do Amazonas)” – Albert, Milliken e Goodwin Gomez, no prelo. A maioria dos falantes do Ninam vivem no Brasil ao leste e sudeste do território Yanomami.

c) Língua

Este projeto focaliza-se na documentação da língua Ninam, que representa 3% da população total do povo Yanomami. As línguas Ninam, Yanomami, Yanomae e Sanima compõem a família lingüística Yanomama, que até o presente é considerada isolada e sem relação genética demonstrada





com outras línguas ameríndias.

d) Oficina

d.1) Na Aldeia

Oficina de treinamento em documentação linguística - Abril – Julho/2010

Oficina de treinamento em documentação linguística - Junho – Agosto/2011

d.2) Oficina de treinamento em documentação lingüística PRODOCLIN – Rio de Janeiro

JULHO DE 2009

DEZEMBRO DE 2009

JULHO DE 2011

e) Viagem a campo

Abril – Julho/2010

Junho – Agosto/2011

O projeto Ninam desenvolve pesquisas em 3 áreas distintas:

Relatório do pesquisador Helder Perri acerca das atividades desenvolvidas na região do Catrimani (Missão), Terra Indígena Yanomami (TIY). Representa a segunda etapa de campo inserida dentro das atividades do Projeto de Documentação das Línguas Ninam e Yãroamë (PRODOCLIN - UNESCO 914BRA4010). Os objetivos principais dessa viagem de campo foram:

Preparar material para ser colocado no mini-site do projeto;

Apresentar aos falantes yãroamë a proposta de ortografia elaborada para sua língua;

Realizar oficina de produção de cartilha de alfabetização para o yãroamë

Realizar a transcrição e tradução das narrativas gravadas durante a primeira viagem de campo em 2010;

Ampliar a base de dados lexicais iniciada em 2010

Realizar a gravação de dados lexicais em arquivos áudios individuais;

Promover intercâmbio entre as experiências do Projeto de Documentação do Yanomama do Papiu, financiado pelo Programa de Documentação de Línguas Ameaçadas (ELDP), e o Projeto de Documentação do Ninam e Yãroamë, inscrito no Programa de Documentação de Línguas Indígenas (PRODOCLIN/Museu do Índio/Unesco)

Nos meses de junho a julho de 2011, Iván Xirixana ficou hospedado na casa do antropólogo Gérson Levi-Lazzaris, na cidade de Diamantina. Sua estadia de 30 dias foi dividida em duas etapas: a)



Transcrição de narrativas na língua Ninam realizadas por Gérson Levi-Lazzaris e pelo próprio Iván Xirixana dos meios digitais para textos a mão; 2) Tradução de parte das narrativas da língua Ninam ao português. Além de Diamantina, as atividades seguiram por uma semana em Carlos Chagas, aonde Iván acompanhou escavações de sítios arqueológicos Tupi e proto-Maxakali coordenados pelo mesmo antropólogo e arqueólogo. Desta atividade resultou um texto Ninam sobre Arqueologia dos Povos Indígenas.

Transcrição das narrativas da língua Ninam

Foram transcritos os seguintes arquivos, apontados na tabela 01, somando 186 minutos de textos transcritos e traduzidos. Tanto transcrições, quanto traduções foram feitas à mão, uma vez que o tradutor e o antropólogo chegaram ao consenso que para adequá-las à gramática emergente do Ninam e para não perder arquivos digitais, assim como a pouca familiaridade com computadores Mac pelo tradutor, optou-se pela transcrição à mão e digitação de apenas um arquivo que orientaria na transcrição dos outros em fases posteriores do projeto.

Tradução das narrativas da língua Ninam

Por se tratar de uma primeira tradução de textos Ninam ao português, optou-se por uma tradução primária com uso do limitado vocabulário da língua portuguesa do informante, sendo adaptado e discutido intensamente até chegar-se a um sentido mais próximo do original. Tal atividade demandou minutos para alguns termos e algumas horas para conceitos mais complexos usados nos diálogos cerimoniais. O tradutor evitou transcrever textos em Yanomama de Oxta Yanomama, assim como do uso do yanomae por Wakop Xirixana, língua usada na comunicação com outros Yanomami e com os brancos que falam Yanomami. Embora o antropólogo apontasse para a importância da transcrição tal como está em várias passagens em que outras línguas eram utilizadas, um senso normativo de uso da língua Xiliyana preponderou sobre as “incorrecções” de vocábulos e frases em outras línguas usadas no Uxiú, incluindo o uso da língua Yawari por dois falantes: Ahunsi e Pelemexi, a primeira sequestrada por Yaipekolop, o segundo irmão desta.

Relatórios das atividades da pesquisadora Gale Goodwin Gómez durante a viagem de campo na comunidade de Ericó, Terra Indígena Yanomami (TIY). Representa a segunda etapa da elaboração e realização do Projeto de Documentação das Línguas Ninam e Yaroami (PRODOCLIN - UNESCO 914BRA4010) pela lingüista Gale Goodwin Gómez e seus colaboradores indígenas





xirianas, em especial Albino Xiriana. Os objetivos principais dessa viagem de campo foram:

Preparar material para ser colocado no mini-site do projeto;

Realizar a transcrição e tradução de discursos e narrativas gravadas durante a primeira viagem de campo em 2010;

Realizar a re-gravação de dados lexicais como arquivos áudios individuais;

Revisar, completar, e realizar a re-gravação das perguntas do Questionário MN 1980 como arquivos áudios individuais;

Realizar um trabalho conjunto entre os professores indígenas de Ericó e Sabiá para a preparação de materiais didáticos na língua ninam.





f) Produtos:

levantamento bibliográfico e documental;

diagnóstico sócio-linguístico;

léxico (1300 entradas - ÿaroamë e 800 ninam);

Guia de Elicitação do Museu Nacional (1980) elicitado nas três línguas;

léxico ilustrado e organizado em formato multimídia (Lexique Pro);

metadados;

transcrição (12horas) e tradução (6 horas).

g) Acervo:

56 horas de vídeo, 119 horas de áudio e 5442 fotos; 442 desenhos escaneados





X. PROJETO PARESI

a) Equipe

Coordenador: Glauber Romling da Silva (Doutorando em Linguística, UFRJ);

Pesquisador Indígena: Genivaldo Zezokaece (Professor da Escola Municipal Indígena do Formoso);

Pesquisador Indígena: Jurandir Zezokiware (Professor da Escola Municipal Indígena do Formoso e acadêmico do Projeto Hayô).

b) Povo

O povo paresi auto-denomina-se haliti (gente, povo) . Sua língua pertence à família linguística Arawak e é falada em cerca de cinquenta aldeias, à noroeste do estado de Mato Grosso, Amazônia Meridional brasileira, distribuídas em dez áreas indígenas – Estação Parecis (25 habitantes), Estivadinho (33), Figueiras (23), Juininha (74), Pareci (838), Ponte de Pedra (12), Rio Formoso (146), Uirapuru (227), Umutina (?) e Utiariti (249) (ISA, 2007), somando 1649 pessoas. Os Paresi são compostos por cinco subgrupos étnicos: Kozarene (compreendidos pelos Eno Maniyere e Kabizi), Waimare, Kaziniti, Warare e Kawali.

b.1) Localização

As áreas paresi cortam 7 municípios: Tangará da Serra, Conquista do Oeste, Barra do Bugres, Sapezal, Campo Novo dos Parecis, Nova Marilândia e Diamantino.

c) Língua

A maioria dos linguistas refere-se à família arawak indicando o grupo de línguas inquestionavelmente relacionadas e facilmente reconhecíveis pelos prefixos pronominais nu- ou ta- para primeira pessoa do singular e pi- para a segunda pessoa do singular, prefixo relativo ka- e negativo ma- (AIKHENVALD, 1999, p. 73). Além disso, o grande corte interno nas línguas arawak dá-se entre as arawak do Norte e as do Sul, pois há um número bastante razoável de fenômenos gramaticais que as distinguem. O Paresi insere-se no agrupamento das nu-arawak.

d) Oficina

d.1) Na Aldeia



Capacitação para a documentação em vídeo, áudio, fotografia e o uso do programa ELAN – Agosto a Dezembro de 2009

2011: transcrição, tradução e discussão da estrutura do mini-site Pareci/Haliti.

A primeira viagem de campo desta segunda etapa foi realizada entre os dias 31 de maio e 29 de junho de 2011. Ela dividiu-se em dois blocos:





- I) de 31 de maio a 12 de junho, realizou-se na Área Indígena do Rio Formoso, nas aldeias Cachoeirinha e Formoso, no município de Tangará da Serra, Mato Grosso;
- II) de 13 de junho a 29 de junho de 2011, no Museu do Índio, Rio de Janeiro, com o pesquisador indígena Jurandir Zezokiware.

Os objetivos do primeiro bloco (I) foram:

- (i) elicitar dados sistemáticos para a descrição da gramática da língua;
- (ii) apresentar a proposta de mini-site à comunidade e;
- (iii) gravar eventos verbais culturalmente relevantes.

Os objetivos de (II) foram:

- (i) Transcrever e traduzir no ELAN eventos verbais da etapa anterior.
- (ii) Elicitar itens lexicais.
- (iii) Participação do pesquisador indígena nas atividades da oficina de documentação do Prodoclin.

Detalhes quantitativos

Abaixo apresentamos um quadro esquemático dos resultados quantitativos de cada etapa mencionada anteriormente.

O trabalho em área:

- i) elicitação gramática; 5h10 de áudio
- ii) apresentação mini-site; 50m (aprox.) de vídeo
- iii) eventos culturais; 1h40 (aprox.) de vídeo

**d.2) Oficina de treinamento em documentação lingüística PRODOCLIN – Rio de Janeiro**

JULHO DE 2009

DEZEMBRO DE 2009

JULHO DE 2011

i) transcrição e tradução no programa ELAN; 1h10 de áudio

ii) elicitación itens lexicais; 1h10 de áudio

e) Viagens a Campo

Agosto a Dezembro de 2009

Maió a Junho de 2011

f) Podutos:

Levantamento bibliográfico e documental

Levantamento sócio-lingüístico

Base de dados com 1.500 itens lexicais.

Metadados

Transcrições e traduções

g) Acervo:

30:00 horas de elicitaciones (áudio);

42:30 de narrativas, cantos, estilos formais e conversas informais (áudio);

29 horas de vídeo (festas, curas, rezas e procedimentos).

800 fotos de diferentes campos temáticos





XI. PROJETO RIKBAK TSA

a) Equipe

Léia de Jesus Silva (Coordenador)

Andrés Pablo Salanova

Adriana Romano Athila

Rinaldo Sérgio Vieira Arruda

Eriberto Nabita

João Txaputai

Juarez Payme

b) Povo

Os Rikbaktsa, com uma população estimada em 1.600 pessoas (dados da Associação do Povo Indígena Rikbaktsa), habitam a região norte do estado do Mato Grosso, em 40 aldeias, distribuídas nas Terras Indígenas Rikbaktsa, Japuira e Escondido, às margens dos rios Juruena, Sangue e Arinos. Os primeiros registros deste povo datam da década de 1940, quando teve início um terceiro ciclo da borracha naquele estado.

c) Língua

Única língua da família de mesmo nome, o Rikbaktsa foi classificado por Boswood (1971) e Rodrigues (1986) como pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê. A situação lingüística dos Rikbaktsa é caracterizada pelo predomínio de bilingüismo dos mais velhos, que falam Rikbaktsa e Português, e de monolinguismo em Português, dos adultos com menos de 40 anos, jovens e crianças. Há menos de uma dezena de falantes, todos idosos, monolíngües ou com pouquíssimo conhecimento do Português. Apenas os mais velhos usam o Rikbaktsa como língua de comunicação oral no cotidiano. O Português é a língua de instrução nas escolas, ficando a língua tradicional restrita aos dias de “aula de língua”.

d) Oficina

d.1) Na Aldeia

Foram realizadas duas Oficinas de apresentação conjunta dos Projetos de Documentação da Língua (PRODOCLIN) e da Cultura Rikbaktsa (PROCULT). Uma oficina na aldeia Pé de Mutum e outra na Barranco Vermelho.



d.2) Oficina de treinamento em documentação lingüística PRODOCLIN – Rio de Janeiro

JULHO DE 2009

JULHO DE 2011

e) Viagens a Campo

Outubro de 2010

Novembro a Dezembro de 2011

f) Produtos:

levantamento bibliográfico e documental;

diagnóstico sócio-lingüístico;

léxico (500 entradas);

metadados;

transcrição e tradução de 3 cantos,

transcrição e tradução de 4 histórias rikbaktsa

g) Acervo:

16 fitas minidv

13:30h

300 fotos

Obs: O projeto Rikbaktsa está em processo de renovação de contrato.





XII. PROJETO SHÁWÁDAWA

a) Equipe

Emerson Carvalho de Souza (Pesquisador principal)

João Paulo Jeannine de Andrade Carneiro

b) Povo

Habitam a região do alto Juruá, no estado do Acre. O grupo indígena Jaminawa-Arara possui uma língua denominada Arara que é um membro da família Pano. Nesta região do rio Bagé há mais ou menos 108 pessoas vivendo nas comunidades que estão distribuídas em duas aldeias: São Sebastião e Buritizal. Ambas as comunidades pertencem ao município de Marechal Thaumaturgo, no Estado do Acre. Um outro grupo falante da língua Arara é o Shawádawa; que possui 7 falantes em um universo de aproximadamente 230 pessoas, localizadas às margens do igarapé Humaitá, município de Cruzeiro do Sul, Acre.

c) Língua

Língua seriamente ameaçada, com apenas sete falantes nativos. As crianças não têm mais contato com a língua e o português brasileiro tornou-se a língua de prestígio dentro da comunidade.

d) Oficina

d.1) Na Aldeia

Em janeiro de 2010, a equipe do projeto Shawadawa esteve em campo e desenvolveu a Oficina de treinamento e documentação lingüística. O tema da oficina, além do treinamento com os equipamentos, foi a produção de mapas da região.

Oficina de treinamento em documentação linguística

d.2) Oficina de treinamento em documentação lingüística PRODOCLIN – Rio de Janeiro

JULHO DE 2009

DEZEMBRO DE 2009

JULHO DE 2011



e) Viagens a Campo

Viagem de campo: janeiro a março de 2010.

f) Produtos:

levantamento bibliográfico e documental;

diagnóstico sócio-linguístico;

léxico (238 entradas);

metadados;

desenho de mapas das aldeias.

g) Acervo:

55 fitas minidv

15h de áudio

4.000 fotos





XIII. PROJETO YAWANAWA

a) Equipe

Tiago Coutinho da Silva – lingüista (coordenador)

Marcos de Almeida Matos– Filósofo, professor da Universidade Federal do Acre (pesquisador)

Ingrid Weber - Antropóloga (pesquisador)

Lívia Tavares – lingüista (pesquisador)

Maria Júlia Yawanawá – Pesquisadora indígena, graduanda em Letras

Maria de Fátima Sheketeshke – Pesquisadora indígena, professora alfabetizadora

b) Povo

Yawanawa quer dizer ‘povo da queixada’ (Yawa – queixada; nawa – povo). Apesar de se autodenominarem simplesmente yura (gente), os Yawanawa se orgulham desse etnônimo e se identificam com o porco selvagem. Como outros grupos pano, o povo yawanawa é a resultante de uma longa dinâmica de alianças, guerras e migrações, sendo bastante complexas as razões e os processos históricos que levaram à formação de um grupo coeso e falante de uma língua comum. Atualmente, são cerca de 565 pessoas (censo, 2010), vivendo na Terra Indígena Rio Gregório, no estado do Acre.

b.1) Localização

Os Yawanawa habitam as margens do rio Gregório desde tempos imemórias. A Terra Indígena Rio Gregório foi demarcada em 1984 (homologada em 1991), com a superfície de 92.859 hectares. Posteriormente, em 2005, foi feita uma revisão de limites; foram incluídas as cabeceiras do rio e a terra indígena passou a medir 187.395 hectares. A Terra Indígena Rio Gregório está localizada na região do município de Tarauacá, estado do Acre, no sudoeste da Amazônia brasileira.

c) Língua

A língua yawanawá pertence ao tronco linguístico pano. De acordo com a classificação de d’Ans (1973), a língua yawanawa faz parte do grupo Pano das Cabeceiras, no sub-grupo Pano-Purus (de Paula, 2004). Loos classifica a língua yawanawa como pertencente ao sub-grupo Yaminawa – juntamente com as línguas yaminawa, amawaca, cashinawa, sharanawa, chitonawa, yoranawa/nawa, moronawa, mastanawa (Loos, 1999).

**d) Oficina****d.1) Na Aldeia**

julho/agosto de 2010 - Oficina de computação/informática; Oficina de filmagem e gravação de áudio

setembro/outubro de 2011 - Oficina de análise linguística (transcrição, tradução e anotação).

d.2) Oficina de treinamento em documentação linguística PRODOCLIN – Rio de Janeiro

JULHO DE 2009

DEZEMBRO DE 2009

JULHO DE 2011

e) Viagens a campo

dezembro/2009 a janeiro de 2010

julho/agosto de 2010

setembro/outubro de 2011





f) Produtos:

Levantamento bibliográfico e documental

Levantamento sócio-linguístico

Base de dados com 500 itens lexicais.

Metadados

Transcrições e traduções



g) Acervo:

52 fitas de mini-dv;

18 fitas cassete

30h58 áudio

2933 fotos.

3.2 Situação atual dos projetos:

No segundo semestre de 2011, 12 projetos PRODOCLIN renovaram o contrato:

Período de 06.06.2011 a 27.03.2012 :

Apiaka

Ikpeng

Kawaiwete

Kisedje

Karaja

Kanoe

Paresi

Ninam

Período de 26.09.2011 a 07.07.2012 :

Desano

Shawadawa

Yawanawa

Período de 05.11.2011 a 26.08.2012 :

Maxakali

Em processo de renovação:

Rikbaktsa





Nesta segunda fase 08 projetos realizaram viagens a campo até o segundo semestre de 2011, os outros 05 projetos estão agendando viagens para o primeiro semestre de 2012.

4- Entrega dos produtos:

Os produtos definidos e datas de entregas estão resumidos na tabela (1) abaixo. Cada equipe dos 13 projetos, ao assinarem os contratos, se comprometeram entregá-los seguindo o calendário.

Pesquisador (a)	Parcela 1	Parcela 2	Parcela 3	Parcela 4	Parcela 5	Parcela 6	Parcela 7	Parcela 8
ANGELA FABIOLA	06.06.11	21.07.11	30.08.11	24.09.11	03.11.11	23.12.11	27.01.12	27.03.12
CILENE CAMPETELA	06.06.11	21.07.11	30.08.11	24.09.11	03.11.11	23.12.11	27.01.12	27.03.12
CRISTIANE SILVA	06.06.11	21.07.11	30.08.11	24.09.11	03.11.11	23.12.11	27.01.12	27.03.12
GLAUBER ROMLING	06.06.11	21.07.11	30.08.11	24.09.11	03.11.11	23.12.11	27.01.12	27.03.12
HELDER FERREIRA	06.06.11	21.07.11	30.08.11	24.09.11	03.11.11	23.12.11	27.01.12	27.03.12
LAÉRCIO BACELAR	06.06.11	21.07.11	30.08.11	24.09.11	03.11.11	23.12.11	27.01.12	27.03.12
RAFAEL NONATO	06.06.11	21.07.11	30.08.11	24.09.11	03.11.11	23.12.11	27.01.12	27.03.12
SUZI O. DE LIMA	06.06.11	21.07.11	30.08.11	24.09.11	03.11.11	23.12.11	27.01.12	27.03.12
THIAGO COUTINHO	26.09.11	10.11.11	20.12.11	14.01.12	23.02.12	13.04.12	18.05.12	17.07.12
WILSON SILVA	26.09.11	10.11.11	20.12.11	14.01.12	23.02.11	13.04.11	18.05.11	17.07.12
EMERSON DE SOUZA	26.09.11	10.11.11	20.12.11	14.01.12	23.02.11	13.04.11	18.05.11	17.07.12
CARLO CAMPOS	05.11.11	20.12.11	19.01.12	13.02.12	03.04.12	23.05.12	27.06.12	26.08.12



5- OFICINAS DE TREINAMENTO EM DOCUMENTAÇÃO DE LÍNGUAS INDÍGENAS REALIZADAS PELAS EQUIPES DOS PROJETOS NO ANO DE 2011 PROJETOS:

Ikpeng

Kisedje

Kawaiwete

Rikbaktsa

Ninam

Paresi

Todas as atividades desenvolvidas nas viagens a campo das equipes dos projetos estão relatadas em formatos de relatórios.

6- AVALIAÇÃO

Na segunda fase do PRODOCLIN, dos 13 projetos, 8 equipes já realizaram viagens a campo desenvolvendo oficinas de treinamento em documentação lingüística, oficinas de transcrição e tradução, oficinas de lingüística (discussão acerca da ortografia usada). Preferimos colocar os relatórios das oficinas em anexo para melhor entendimento das atividades desenvolvidas pelos pesquisadores.

Dos 13 projetos contemplados, o projeto Apiaka encontra-se em situação especial, a coordenadora, por motivos profissionais, pois a mesma foi contratada para coordenar o setor de educação da FUNAI, rescindiu o contrato com a UNESCO, mas comprometendo-se acompanhar as atividades dos pesquisadores indígenas do projeto.

Esta segunda fase do projeto é basicamente a fase de tratamento dos dados. Os produtos resultantes são metadados, lista lexical, proposta de base de dados lexical e publicação, primeira

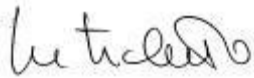




versão da gramática, e textos transcritos e traduzidos. As viagens a campo serão essenciais para a finalização desses produtos.

Outro ponto a ser observado é a intensa participação dos pesquisadores indígenas nas atividades dos projetos como podemos observar nos seus relatórios e nos relatórios entregues pelos coordenadores. Avaliamos que o bom andamento dos projetos se deve ao fato do envolvimento da comunidade e principalmente pela participação efetiva dos pesquisadores indígenas.

Rio de Janeiro 29 de novembro de 2011



Bruna Franchetto
Coordenadora



Gelsama Mara F. Dos Santos
Gestora Científica - PRODOCLIN



Representação
no Brasil



SAMI



Ministério da
Justiça

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA